

CONCEIÇÃO EVARISTO E SUAS CONTRIBUIÇÕES COMO ESCRITORA E PESQUISADORA

Bruna Viciniescki ¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi evidenciar as contribuições de Conceição Evaristo, tanto no meio acadêmico, como no meio literário, para a emancipação da mulher negra por meio da autorrepresentação. Conceição Evaristo é uma escritora e pesquisadora doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Foi finalista do prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas pelo livro Olhos D'água em 2015 e em 2018, recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra. Para a realização deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando as teorizações da própria Conceição Evaristo (2005, 2010), que se volta, em seus estudos, para a forma como as mulheres negras foram representadas pela literatura nacional. Partindo dessas representações, a autora se volta para um movimento de autorrepresentação, em que as mulheres negras passam a reivindicar o direito a se autorrepresentar e ser retratadas além dos estereótipos da mulher super sexualizada, selvagem ou servil. Além de Conceição Evaristo, este trabalho utilizou como fonte bibliográfica os trabalhos de Costa (2007), Palmeira e Souza (2008), Machado (2014) e Cruz (2015) sobre a vida da autora e as implicações de se tratar de uma escritora mulher, negra e de origem humilde. Ao fim desta pesquisa, foi possível observar que Conceição Evaristo ao representar a mulher negra no âmbito literário e acadêmico traz visibilidade e acelera os resultados do processo de emancipação da mulher negra, além de ser fundamental para representar as mulheres de forma geral na academia.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, Autorrepresentação, Literatura negra, Literatura feminina.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é produzido a partir da proposta “o local da mulher na academia”, Área Temática 08 do I Congresso Nacional em Estudos Interdisciplinares da Linguagem (CONEIL). Dentre as várias abordagens que poderiam ser feitas a respeito desta importante temática, optou-se por analisar a experiência concreta de uma acadêmica de relevância nacional e internacional. Conceição Evaristo é um excelente exemplo por se tratar de uma mulher que transita entre o literário e o acadêmico e tem seus estudos

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras peUniversidade de Passo Fundo - UPF, bruna.viciniescki@gmail.com

voltados para a representação e autorrepresentação da mulher negra na literatura, além de ensaios e entrevistas que refletem sua condição de mulher negra no âmbito acadêmico.

De acordo com o website do Literafro – o portal da literatura afro-brasileira, promovido pelo curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Conceição Evaristo, ou Maria da Conceição Evaristo Brito, nasceu em uma comunidade periférica de Belo Horizonte no ano de 1949, e se muda para o Rio de Janeiro na década de 1970. Evaristo é graduada em Letras pela UFRJ, Mestre em Literatura Brasileira pela Pontífice Universidade Católica (PUC-RJ) e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF). A escritora possui grande versatilidade de estilos e dialoga com a poesia, a ficção e o ensaio, além de contribuir com publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Apesar de colaborar desde o fim dos anos 80 com publicações nos Cadernos Negros, foi só em 2003 que publicou seu primeiro romance *Ponciá Vivêncio*, seu segundo romance *Becos da memória* em 2006. Do romance, Evaristo se lançou aos contos lançando mais dois livros: *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), seguido por *Olhos D'água*, em 2014, este último finalista do prêmio Jabuti de contos e crônicas em 2015. Já em 2016, lançou *Histórias de leves enganos e parecenças*. Em 2018, Conceição Evaristo recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra.

O site Literafro tem a sensibilidade de permitir que a autora fale sobre si mesma. Após o resumo de sua vida acadêmica e literária, o site conta com o depoimento dado pela escritora ao I Colóquio de Escritos Mineiras, realizado em maio de 2009, em que Evaristo narra brevemente a sua história. Nele, Conceição conta um pouco sobre sua origem humilde, em que a pobreza a obrigou a começar a trabalhar com apenas oito anos de idade. Apesar da vida difícil, ressalta a influência positiva que teve de suas duas mães: sua mãe biológica e sua tia, irmã mais velha da mãe, que a acolheu em casa por não ter filhos e para aliviar as contas de sua irmã, que possuía outros oito. As condições um pouco melhores na casa da tia permitiram que a menina pudesse estudar.

Neste Colóquio e em uma entrevista concedida a estudiosa Bárbara de Araújo Machado, Evaristo traz dois aspectos muito relevantes para o presente trabalho, relacionados ao local da mulher na academia: o incômodo que uma jovem talentosa e negra causava na elite branca, desde a sua juventude, por não se contentar com a

subalternidade imposta a ela, justamente por ser consciente da sua condição de mulher negra, e também o desconforto perante uma mulher negra que toma para si o direito de escrever. Conceição Evaristo conta que em 1958 ganhou seu primeiro prêmio literário, vencendo um concurso de redação com a proposta de “Por que me orgulho de ser brasileiro”, a despeito do desconforto que essa vitória tenha causado em alguns professores. A autora revela que não teve uma imagem de aluna bem-comportada, pois se esperava dela uma passividade de menina negra e pobre, assim como de sua família, mas não o foram, Evaristo conclui esse pensamento afirmando que sua família tinha uma consciência de sua condição de pessoas negras, pobres e faveladas. A citação a seguir contempla a explicação de Conceição Evaristo sobre o segundo aspecto apontado no início deste parágrafo, ou seja, a relação entre o incômodo de uma sociedade racista e a escrita da mulher negra:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou uma escritora, aí é um privilégio da elite” (MACHADO, 2014, p. 68).

Com a autora, foco deste trabalho, brevemente apresentada, passamos agora para o aporte teórico, em que será demonstrado a influência e a relevância de Conceição Evaristo, tanto em âmbito acadêmico, como no meio literário.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os trabalhos que compõem este referencial teórico abordam a trajetória da vida acadêmica e o posicionamento da autora presentes em alguns trabalhos e entrevistas. Desta forma, são utilizados os depoimentos dados pela escritora ao I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, a já citada dissertação de mestrado de Bárbara Araújo Machado, intitulada “*Recordar é preciso*”: *Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982—2008)*”, em que a autora conta com duas entrevistas concedidas pela escritora com exclusividade para a tessitura de sua dissertação, o trabalho de Palmeira e Souza (2008) sobre as representações de gênero e afrodescendência presentes nas obras da

escritora, além de dois ensaios da própria Conceição Evaristo: Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira (2005) e Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira (2010), também foi utilizado o trabalho de Costa (2007) que também se dedica à esta temática.

Ademais da relevância que Conceição Evaristo tem como escritora, tendo, inclusive, seus dois primeiros livros traduções para o francês e o inglês, a escolha da autora para este trabalho também se valida por ela apresentar um interesse acadêmico justamente na temática deste simpósio, mais especificamente no papel dela, como mulher negra, dentro do mundo acadêmico. Em uma das duas entrevistas concedidas à Bárbara Araújo Machado, Evaristo comenta sobre sua subjetividade e espaço na academia:

Tanto meu texto [literário] quanto meu texto ensaístico são profundamente marcados pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. As minhas escolhas teóricas, elas estão em consonância com a minha vivência, com a minha condição de cidadã negra na sociedade brasileira. [...] a academia é um espaço em que estou para colocar uma voz, para colocar um texto, para praticar ali uma produção do saber que é profundamente marcada pela minha condição de mulher e de negra. Então, a academia, eu sinto que é um lugar em que eu posso estar, que eu tenho direito de estar e em que eu quero estar, mas a partir de um lugar, que é esse lugar social e étnico em que eu nasci, em que estou inserida, do qual eu opto por escrever, ao qual eu sou ligada. ” (MACHADO, 2014, p. 31-32)

Como pode ser observado na citação referida, a questão da voz está inserida diretamente no discurso de Conceição Evaristo, que, consciente de seu *status* de mulher, de negra, de origem humilde, se vê tanto como escritora, quanto como acadêmica, um local de fala onde pode ser porta-voz das mulheres negras, que, segundo Machado (2014), sofrem uma tripla opressão de classe, raça e gênero. O termo porta-voz faz referência à uma fala realizada por Conceição Evaristo, onde a autora afirma “E assim Oxum se tornou a dona do ouro. Não só a dona do ouro, mas uma espécie de porta-voz das mulheres. E é assim que eu gostaria de construir a minha literatura, que ela pudesse ser porta-voz das vozes das mulheres negras. ” (Depoimento proferido no V Colóquio Mulheres em Letras, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, no dia 20 de abril de 2013)

A voz é novamente citada nas entrevistas concedidas à Machado, quando a autora mineira comenta uma das principais características da literatura negra: “falamos de uma literatura cujos criadores buscam conscientes e politicamente a construção de

um discurso que dê voz e vez ao negro como sujeito que auto se representa em sua escritura” (MACHADO, 2014, p. 47)

Conceição Evaristo em ensaio publicado em 2005, cita a literatura como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, a autora inicia seu texto desta forma para falar de um discurso insistente em criar e proclamar uma imagem negativa para a mulher negra:

A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial (EVARISTO, 2005, p. 52).

Costa (2007), também se dedicou ao lugar ocupado por personagens femininas e negras na literatura brasileira e afirma que, de uma forma genérica, estas personagens são retratadas como fogosas, promíscuas, sensuais, como objetos sexuais erotizados, ou não, e dá ênfase a imagem negativa que essas representações negativas causaram e seguem perpetuadas no imaginário nacional. A partir da década de 70, as mulheres brancas começam a ganhar maior destaque como escritoras, apesar disso, Costa afirma que as mulheres negras ainda são representadas como inferiores, ocupando principalmente funções subalternas em relação às personagens brancas e, assim, permanece a imagem estereotipada da mulher negra na literatura.

Em um movimento de oposição à essa imagem deturpada, Evaristo (2005) cita que “há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura” (EVARISTO, 2005, p. 54), em um movimento que passa da representação à auto-representação, “o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2005, p. 54).

Evaristo (2010) vê a literatura como forma de resistência para os descendentes de africanos espalhados pelo mundo e que age em duas frentes diferentes: primeiro como manutenção e difusão da memória, tornando-se um lugar de transgressão ao reescrever a história, antes apenas marcada com o selo do colonizador, a segunda forma visa buscar modos de enunciação positivos na descrição do corpo negro. Nas palavras

da autora, “A identidade vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnicos, chocando-se com o olhar negativo e com a estereotipia lançados ao mundo e às coisas negras” (EVARISTO, 2010, p. 134).

Levando em consideração esse posicionamento assumidamente marcado da autora, Palmeira e Souza (2008) descrevem as mulheres dos contos e romances evaristianas por mulheres de baixa renda que residem na região urbana. E em forte contraste, são mulheres que dentro do núcleo familiar se consolidam como força matriz, muitas vezes detentora de uma sabedoria, de um conhecimento espiritual, mas fora dele vivem em uma sociedade que as colocam à margem.

Cruz (2015) destaca outra característica de impacto na obra da escritora – o brutalismo poético, explicando que a violência integra grande parte dos enredos da autora. No entanto, salienta que o diferencial de sua escrita é o profundo impacto causado pelas cenas violentas tecidas e costuradas de forma a imprimir uma inexplicável leveza no trato do tema. O autor acrescenta que a voz do narrador da escritora é uma voz feminina e negra, o que, segundo ele, seria suficiente para manter o tom poético na caracterização das personagens, mas que ademais dessa característica, o fundamental é a representação da proximidade dessa voz que narra os acontecimentos e que se desenvolve vorazmente diante do leitor.

Para finalizar, Palmeiras e Souza (2008) descrevem Evaristo como uma escritora afro-brasileira que transita entre os espaços dos movimentos sociais e o ambiente acadêmico, sendo uma mulher que escreve a partir de suas identidades de mulher, brasileira, negra, pesquisadora e militante. Tanto a produção teórica como a literária dão protagonismo à personagens que lutam simultaneamente contra o racismo e o sexismo, marcando sua obra com a reflexão às questões de etnia e gênero. Em relação a vida acadêmica de Conceição Evaristo, as autoras destacam:

O meio acadêmico tem se constituído em um espaço de diálogo possível, entre a, escritora, e a, pesquisadora, Evaristo. Esse diálogo, que Evaristo consegue estabelecer entre a militância e as pesquisas tem sido apontado como um meio de imprimir maior velocidade e resultados ao processo de emancipação da mulher negra, pois essa interlocução constitui-se no enfrentamento das questões no campo ideológico e no âmbito das práticas sociais. (PALMEIRA; SOUZA, 2008, p -.)

Palmeira e Souza resumem na referida citação, o recorte que se buscou demonstrar sobre esta escritora e acadêmica, em busca de refletir um pouco sobre o local da mulher na academia e também a sua função de porta-voz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consonância com os autores apresentados por este trabalho, a presença de Conceição Evaristo no meio acadêmico e literário, introduz em sua obra características do movimento feminino negro, que busca através da auto-representação na literatura um local de simbolização que não deprecie e estereotipe a mulher negra. Buscam um local de fala, buscam a reivindicação do direito de serem vistas não como objeto, mas como mulheres complexas, força motriz de suas famílias, enquanto oprimidas numa tripla intersecção de classe, gênero e etnia. Conceição Evaristo ao representar a mulher negra no âmbito literário e acadêmico traz visibilidade e acelera os resultados do processo de emancipação da mulher negra, além de ser fundamental para representar as mulheres de forma geral na academia.

Assim, fica evidenciado a importância das mulheres no meio acadêmico para a reescritura das representações das minorias dominadas, através de séculos de uma sociedade patriarcal, sexista e racista, por homens, em sua grande maioria brancos. Conceição Evaristo contribui como literata e acadêmica ao manifestar, por meio de seus trabalhos acadêmicos e obras literárias, a busca pelo direito de se autorrepresentar e problematiza toda uma ordem de estereótipos ainda presentes, tanto no imaginário social, quanto nas representações literárias, que, por consequência, ainda ecoam na academia.

REFERÊNCIAS

COSTA, R.J. **Subjetividades femininas**: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane. Dissertação (Mestrado em História Social) – PUC. São Paulo, 152 p, 2007.

CRUZ, A. S. Revelações de Olhos d'água. **Literafro** – o portal da literatura afro-brasileira, 2015. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/70-conceicao-evaristo-revelacoes-de-olhos-d-agua>. Acesso em: 10 ago. 2020.

EVARISTO, C. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: Cultura Afrobrasileira**. Ano I, numero1, ago. p. 52-57, 2005.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: **Mazza Edições**, 2010. p. 132-142.

EVARISTO, C. Depoimento da escritora Conceição Evaristo, proferido no **V colóquio Mulheres em Letras**, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, no dia 20 de abril de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=heHftI429U4>. Acesso em 10 ago. 2020.

LITERAFRO. Conceição Evaristo. **Literafro** – o portal da literatura afro-brasileira, 2020. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 10 ago. 2020

MACHADO, B. A. “**Recordar é preciso**”: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982 – 2008). Dissertação (Mestrado em História) – UFF. Niterói, 130 p. 2014.

PALMEIRA, F. S; SOUZA, F. S.. Representações de Gênero e Afrodescendência na obra de Conceição Evaristo. In: **ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**, 4., 2008, Salvador, Anais... Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2008. p -.

